

Exílio e (re)construção da identidade em **A Question of Power**

Renata Santos de Morales*

Noeli Reck Maggi**

Juliana Figueiró Ramiro***

Resumo

A autora sul-africana Bessie Head, em sua obra **A Question of Power**, apresenta a problemática de um sujeito do sexo feminino fruto da sociedade sul-africana em épocas de *Apartheid*. Na narrativa, a personagem principal, Elizabeth, oferece uma visão retrospectiva de sua “jornada para o inferno”, desde a África do Sul até seu exílio no vilarejo de Motabeng — a terra de areia de Botswana. Nessa caminhada, a personagem depara-se com um processo de desintegração e reconstrução da sua identidade, que a leva a descobrir sua própria totalidade. O texto proporciona ao leitor a experiência da jornada interior de Elizabeth, marcada pela discriminação, pelo isolamento e por conflitos culturais. O presente artigo tem como objetivo refletir, a partir da análise de trechos da narrativa de Head, sobre a condição de migrante, mulher e mestiça da personagem, as relações de poder e a alteridade que condicionam sua existência como exilada, e o modo como essa condição perpassa seu processo de (re)identificação pessoal. A análise é feita com base na teoria foucaultiana, no que toca às questões de alteridade e relações de poder. Utiliza-se como instrumento metodológico a Estrutura Simbólica do Poder, proposta pelo semiótico Harry Pross, que diz da forma pela qual os indivíduos atribuem sentido às suas experiências e vivenciam a alteridade. O estudo proposto justifica-se pela necessidade de refletir sobre questões de gênero e raça, oportunizadas pela obra escolhida como objeto, entendendo que elas ainda hoje vitimam e inferiorizam sujeitos no mundo inteiro. Como resultado desta pesquisa, tem-se a apresentação de um olhar crítico sobre a forma como a Estrutura é orquestrada a serviço do poder, gerando e, na maioria das vezes, reafirmando sentidos.

Palavras-chave: Exílio. Identidade. Alteridade. Literatura.

Recebido em: 30/03/2017

Aceito em: 03/07/2017

* Centro Universitário Ritter dos Reis. Mestre em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis e doutoranda em Letras na mesma instituição.

** Centro Universitário Ritter dos Reis. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*** Centro Universitário Ritter dos Reis. Mestre em Design pelo Centro Universitário Ritter dos Reis e doutoranda em Letras na mesma instituição.

1 Considerações iniciais

A questão da alteridade está presente em toda a teoria de Foucault, o qual teve como foco de suas pesquisas a investigação do modo como o ser humano se relaciona com o que se pode chamar, de forma geral, de “outro”. Dentro da categoria “outro”, para o autor (FOUCAULT, 2015), estão incluídas as instituições que sustentam e condicionam as sociedades e os sujeitos que a elas pertencem ou que os representam. Na construção teórica que perpassa suas principais obras, Foucault (1988, 2000, 2001, 2009, 2015) aborda o ser que se faz sujeito e sua relação com a alteridade, a partir da análise do funcionamento dessas instituições e das relações de poder que delas derivam, e como o sujeito se coloca ao realizar uma jornada em busca da verdade, que lhe permita encontrar a essência de seu ser.

Na obra **A Question of Power** (HEAD, 2011), de autoria da sul-africana Bessie Head, tal jornada em busca da (re)identificação do eu se dá por meio do exílio físico da personagem principal e, também, do seu exílio psicológico — o que será apresentado no desenvolvimento deste estudo. Outro aspecto pulsante na obra são as relações de poder que atuam na constituição do sujeito. Nesse sentido, a proposta é, considerando-se a condição de migrante da personagem, refletir sobre seu processo de (re)identificação, imerso em determinado ambiente sócio-histórico e cultural.

Para relacionar o objeto de estudo com elementos dos estudos foucaultianos, selecionou-se a Estrutura Simbólica do Poder, teoria proposta pelo semiótico alemão Harry Pross (1980), como método de análise. Pross (1980) afirma que toda a produção de sentido humana ocorre a partir de uma estrutura de poder composta por três eixos: dentro-fora, acima-abaixo e claro-escuro. Por meio desses eixos binários, o sujeito percebe e significa os fenômenos do mundo.

Considerando-se o objetivo deste estudo, destaca-se, ainda, que o ato de perceber o mundo passa pela percepção de si. Isto é, com base em um movimento de alteridade, o sujeito reconhece a si e reconhece o que lhe é externo a partir de sua própria condição. O ato de reconhecer o mundo, apontado por Pross (1980), pode ser relacionado com a construção de verdades, base da teoria foucaultiana, entendendo-se que o reconhecimento de algo é um movimento de torná-lo verdade, defini-lo como tal, dizer isso e não aquilo.

2 Relações de poder e alteridade em Foucault

Para Foucault, a alteridade poderia ser considerada inerente a um determinado conjunto de sujeitos que foram objetificados ao longo da história. Essa relação foi chamada pelo teórico de episteme, a qual é definida como uma ordenação de saberes com o objetivo de chegar ao conhecimento, ao saber de cada época. Dessa forma, há sempre uma ordem implícita à cultura, que é entendida como possibilidade de conhecimento.

Em **As palavras e as coisas**, Foucault (2000) apresenta uma crítica ao pensamento restritivo sobre o “outro”, um pensamento que revisa o conceito de “mesmidade” apresentado pela filosofia ocidental, no sentido de que esta não seria capaz de entender a alteridade do pensamento em si. Para o autor, a alteridade implica um sentido mais amplo. Sobre tal perspectiva foucaultiana, Muchail (2004, p. 39) afirma que a alteridade é “o limite de pensamento e de linguagem para uma cultura, aquilo que a circunda por fora e lhe escapa, simultaneamente, estranho e exterior”.

Na mesma obra, Foucault apresenta forte crítica ao sujeito de conhecimento de Kant, em particular às proposições kantianas sobre a centralidade da razão e sobre o papel do homem como gênese de todas as coisas. Foucault aponta a problemática de um sujeito que domina a si mesmo, como uma divindade suprema que acredita ser a fonte de tudo, o meio pelo qual tudo deve passar e a quem tudo se orienta. A crítica de Foucault parece ter tido a intenção de questionar a racionalidade que domina o pensamento humano e que o conduz a voltar sempre a si.

Por esse caminho, o filósofo francês chega à questão da dor e do sofrimento, consequências desse movimento infundável do sujeito tomado por um mecanismo totalizante de busca pela verdade, visando saciar a necessidade de encontrar-se consigo, integrar-se com seu ser e dominar a si, buscando sua liberdade. A partir dessa premissa, o teórico ultrapassa a crítica a esse sujeito transcendental e volta-se para a análise das operações de construção das subjetividades, pautadas pelas relações de poder que se estabelecem no campo de forças e saberes imposto pelos “outros” na sociedade. Nesse sentido, a dor e o sofrimento são expressões da subjetividade do ser, sempre em teste em nossa sociedade, a qual “se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, que promete denunciar e liberar-se dos poderes e das leis que a fazem funcionar” (FOUCAULT, 1988, p. 14).

Com base nessa afirmação, entende-se que dor e sofrimento são formas de agir do sujeito em suas experiências na sociedade, em busca de sua subjetividade, que se materializam nas relações de poder, como, por exemplo, as impostas aos loucos em hospitais psiquiátricos, aos encarcerados nas prisões, às mulheres que se submetem a diversos condicionamentos e subjugações e aos exilados e perseguidos que se encontram em constante apagamento e fuga de si.

Em um embate com a teoria psicanalítica, o filósofo deslocou o foco dos institutos da dor e do sofrimento: embora sem negar que o sujeito possa sofrer e manifestar sua dor, o filósofo retirou essas duas instâncias da interioridade do ser e passou a considerar dor e sofrimento como práticas discursivas que remetem a uma cultura de relações entre poder, normatividade e subjetividades e que assim a sustentam. Em **História da sexualidade**, o filósofo (1988, p. 93) afirma que “o poder é o nome que se atribui a uma situação estratégica complexa em uma dada sociedade”. As relações estratégicas de poder acontecem pela via do discurso, que é, para o autor, a forma pela qual o conhecimento se constrói, juntamente com as práticas sociais. Poder — via discurso — e conhecimento constituem-se mutuamente e são mais do que apenas formas de pensamento, pois se relacionam com o corpo e com o agir dos sujeitos. Dessa forma, a mecânica do poder passa a ser forma de existência do sujeito, que adentra cada partícula dos indivíduos, toma conta de seus corpos, define seus gestos e posturas e condiciona o que dizem e como se relacionam com seus “outros”.

Em sua obra **Microfísica do poder**, Foucault (2015) aponta para a necessidade que a sociedade moderna tem de reposicionar a questão do poder e da dominação em direção ao problema da sujeição. Se, de um lado, a questão da dominação diz respeito ao poder marcado por imposições normativas, de outro, no que tange à sujeição, a problemática é a do assujeitamento. É necessário observar que, apesar da existência de uma ordem daqueles que ordenam e daqueles que se submetem, o que impera é a existência de um regime de poder e imposição de verdades que coloca todos como parte de um mesmo jogo, em uma relação de poder que se dá não apenas de cima para baixo, mas também de fora para dentro, como um ordenamento onipresente na sociedade. Nesse sentido, Foucault propõe:

[...] não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder — desde que não seja considerado de muito longe — não

é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. (FOUCAULT, 2015, p. 284).

Assim, Foucault preocupa-se, em suas proposições teóricas, não só com as grandes manifestações de poder, mas também, ou principalmente, com aquelas que passam quase despercebidas ou são aceitas como pertencentes a uma dita normalidade dos espaços de sociedade e que se manifestam, por exemplo, nas opressões e nos assédios cotidianos, no preconceito étnico e de gênero e nas violações aos direitos humanos. Dor e sofrimento aparecem, portanto, como mecanismos de opressão e sujeição e têm como consequência — e não como gênese — o sofrimento psíquico, físico e moral.

Retomando a crítica de Foucault a Kant, a eleição da razão como ápice do pensamento sobre o homem e como instituição que opera o desenvolvimento do saber deve ser encarada, segundo Foucault, como um movimento de reafirmação do gênero masculino. Nessa perspectiva, defende o filósofo francês, ser racional não é exatamente uma categoria aplicável a todo ser humano, mas, restritivamente, apenas ao ser homem, do gênero masculino, branco, colonizador, burguês e detentor dos discursos de poder que definem a verdade. Ainda sobre o discurso, o filósofo afirma:

Sabe-se bem que não se tem o direito de tudo dizer, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. [...] O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2001, p. 9-10).

Assim, Foucault deixa expressa sua constatação de que o discurso detém poder e separa, por exemplo, o masculino do feminino na configuração da racionalidade. O gênero mulher, uma vez que não está dentro do âmbito da razão, foi historicamente apontado como mais suscetível à loucura, portador de um discurso não racional e definido por um corpo passível de corromper-se e entregar-se mais facilmente à loucura. Nesse contexto sócio-histórico de relações de poder,

alimentado por pensamentos como o de Kant, ser mulher é sinônimo de um estado de natureza inferior. É ser incapaz de atingir um nível de consciência racional. E é com base nesse discurso que as mulheres são vítimas, são objetos de controle e dominação, a ponto de justificar todo tipo de exclusão e violência. Para Foucault (2001), a loucura aparece em oposição à razão e como instrumento de dominação ou como princípio de exclusão. Segundo o filósofo:

Desde a alta Idade Média, louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo [...]. (FOUCAULT, 2001, p. 10).

Em algumas culturas no contexto da África, no qual se produz a obra de Bessie Head — objeto de pesquisa neste estudo — as mulheres eram e ainda são consideradas inferiores. O pensamento que coloca em oposição razão e loucura é levado a um extremo. Nessa concepção, destacada em **A Question of Power**, mulheres não são necessariamente consideradas loucas, inclusive quando relatam alucinações e perturbações, pois não atingem sequer o nível mínimo de racionalidade para tanto. Nesses casos, a sociedade entende que elas estão tomadas por alguma entidade, alguma manifestação espiritual, normalmente masculina, que as está dominando. Ainda assim, internações de mulheres “loucas”, as que se qualificavam minimamente para tanto — como as mulheres brancas de famílias abastadas —, ocorriam sempre que elas agiam fora do que era padrão designado e imposto pelo homem. A exemplo disso, inúmeras delas, em épocas de *Apartheid*, foram internadas por se relacionarem com homens de origem racial diferente, como se tal conduta fosse um desvio psíquico ou como se estivessem orientadas por uma manifestação espiritual. Quando não internadas em manicômios, eram submetidas a outros tipos de restrição, como serem excluídas e exiladas do espaço público e dos direitos cívicos.

O movimento de migrante, tema que marca a obra escolhida como objeto deste estudo, que força uma mulher a aceitar um visto de exilada, pois, na sociedade em que se encontra, não há mais espaço e segurança para sua existência, que vem pautada por assédios e violências, acaba por ser determinante das suas formas de agir e manifestar-se, oferecendo-lhe o isolamento, os preconceitos e as diferentes

afetações de uma vida em um novo lugar, diferente daquele com o qual ela se acostumou a se identificar.

3 Estrutura Simbólica do Poder

O método de análise proposto no presente artigo sustenta-se a partir da Estrutura Simbólica do Poder, teoria do semiótico alemão Harry Pross, datada de 1980. Pross (1980) afirma que os pares “acima-abaixo”, “dentro-fora” e “claro-escuro” são pontos de partida para a produção de sentido humana. Para ele, o sujeito, por meio desses três eixos, compreende os fenômenos do mundo e atribui significado a eles.

Outro conceito central na obra semiótico de Pross, que reforça e evidencia a Estrutura Simbólica do Poder, é a teoria relacional dos signos. De acordo com o autor, o que se chama de realidade e o que se considera como tal está repleto de coisas que estão em lugar de outras coisas diferentes do que elas são.

Segundo Pross (1980), o signo deve ser percebido sempre como uma relação na qual estarão presentes o próprio signo, um meio e um sujeito interpretante. Os signos fazem parte do viver humano e é por meio deles que as relações sociais (de poder) se constituem. Nesse sentido:

Esta definição [da teoria relacional dos signos] tem a vantagem de deixar claro que existe uma relação entre o meio e a interpretação. Ambos os fatores apresentam uma dependência recíproca: o entender guarda uma relação com os sistemas de signos disponíveis, de onde se obtém a designação e a significação. Dá-se, assim, um catálogo de signos e interpretações. O branco é, em mais de uma cultura, a cor do luto, como é o preto na nossa [alemã]. O luto não se dá a entender independentemente dos signos. (PROSS, 1980, p. 15, tradução nossa).

Inseridos nessa espécie de catálogo proposto por Pross e em constante relação com o ambiente em que estão imersos, os signos são interpretados pelos sujeitos por meio da Estrutura Simbólica do Poder, que se organiza tendo como base a binaridade presente nos eixos: acima-abaixo, dentro-fora, claro-escuro. Para Pross:

As experiências primárias de claro e escuro, dentro e fora, acima e abaixo determinam o modo como o sujeito experimenta, conhece e se comunica. Sem elas, o sujeito não pode experimentar nada, nem conhecer, nem comunicar nada. Elas determinam, de antemão, seu comportamento social, muito antes de que sejam aplicadas

conscientemente categorias estéticas e éticas. (PROSS, 1980, p. 53, tradução nossa).

A observação dos fenômenos organizados nos três eixos Pross atribuiu principalmente à condição bípede do sujeito, que o coloca verticalmente em relação ao mundo que o cerca e às experiências pré-predicativas — expressão que o autor usa para categorizar as primeiras experiências do ser humano, quando, por exemplo, um bebê sai da barriga da mãe, abre os olhos e começa, num processo de imersão, a captar do ambiente padrões de comportamento e classificação.

3.1 Eixo acima-abaixo

O *status* vertical do sujeito na sua relação com o horizonte trouxe-lhe o alto como símbolo, representado, em sua grandeza, pelo céu. Numa relação direta de submissão, abaixo do céu está localizada a terra. Partindo de si como referência, o indivíduo vai, simbolicamente, organizando os fenômenos de forma a posicioná-los e convencioná-los num patamar de superioridade ou inferioridade em relação a ele mesmo e a seus dogmas.

Onde quer que se invoque o alto, simboliza a diferença filosófica existente entre a posição humana e a animal. Dessa relação, explica-se a irresistibilidade deste símbolo, seja na linguagem, seja como um ícone fúnebre, seja com o hastear de uma bandeira, uma torre ou gestos, além de explicar seu caráter imprescindível como manipulador para todas as tentativas de agrupar homens em volta de algo. (PROSS, 1980, p. 76, tradução nossa).

Pode-se observar essa base signíca em diversos conceitos enraizados na sociedade. Expressões como alto-clero e baixo-clero originam-se dessa percepção. As religiões advindas da moral judaico-cristã, por exemplo, têm esse entendimento como doutrina. Para elas, existe um deus superior, representado pelos céus, e um rival, que está abaixo da terra. Entre os dois polos, segundo Pross (1980), também existe uma forte relação de superioridade. A utilização dessa estrutura simbólica como elemento de produção de sentido dá ao emissor uma forma de direcionar sua produção de modo intencional, a fim de forçar determinada interpretação no sujeito receptor.

3.2 Eixo dentro-fora

O eixo dentro-fora está intimamente relacionado à busca do sujeito por pertencimento. E pode ser explicado com base numa experiência pré-predicativa, aquela em que a criança ainda está no útero da mãe, num ambiente seguro. Tal experiência se repete ao longo da vida adolescente e adulta do indivíduo, pois ele sempre estará dentro-fora de casa, dentro-fora do ambiente familiar, dentro-fora de um grupo de pessoas, dentro-fora de uma normativa social. De acordo com Pross, o indivíduo não só se percebe neste eixo, como também percebe o “outro” baseado na sua posição em relação ao ambiente. Se ele, por exemplo, foi gerado numa família constituída por uma figura masculina representando o pai e uma figura feminina representando a mãe, constituições familiares diferentes dessa, na sua percepção primeira, estarão posicionadas no polo oposto, isto é, do lado de fora daquilo que ele reconhece como família. Regimes políticos e religiosos também se utilizam desse eixo para delimitar suas fronteiras e estabelecer a própria ordem.

Para o autor:

A imagem escura do inimigo une o Estado e seus súditos. [...] Ter um símbolo exterior do inimigo é indispensável para um regime que deseja a paz em seus assuntos internos, pois reforça a demarcação de interior e exterior. A ausência de negação externa diminui, em grande parte, o esplendor da ordem interior. Os signos da imperfeição interna chamam a atenção se não superam qualquer outro símbolo do inimigo externo. (PROSS, 1980, p. 63, tradução nossa).

O autor ainda sugere que, muitas vezes, quando os símbolos contrastantes com o eixo não existem, eles são forçados, para que possam servir àqueles que desejam reafirmar suas forças por meio dos símbolos de poder. Por um lado, a cultura, nesse contexto, desempenha o papel de fomentar e catalisar a existência desses polos, uma vez que os sujeitos e as instituições se comunicam por meio deles. Por outro, esse ambiente sócio-histórico e cultural sofre a influência dos indivíduos e se autotransmuta.

3.3 Eixo claro-escuro

Segundo Pross (1980), onde faltem os signos, imagina-se o nada. E, onde parece haver o nada, o sujeito apressa-se em colocar um signo de ordem.

Habitualmente, o escuro é associado ao nada, à ausência, à falta de luz. Outra vez, pode-se relacionar o eixo com o momento do parto. Quando um bebê nasce, a mãe está dando-o à luz, de modo a afirmar sua existência. É a partir do ato simbólico de dá-lo à luz que se inaugura a existência social daquele indivíduo.

O eixo também pode ser percebido relacionando-se com os conceitos de bom e ruim, sendo o claro direcionado ao bom, enquanto o escuro representa o ruim. Por exemplo: a mãe, ao sair do quarto do filho, isto é, ao afastar-se dele, apaga a luz. A partir disso, a criança está sozinha e no escuro. Quando ela chama pela mãe, que volta ao quarto e acende a luz para observá-la, um novo movimento de atribuição de sentido é feito. O claro passa a representar a presença, logo, algo bom; enquanto o escuro fica como símbolo da ausência, da falta, de algo ruim.

As religiões também se utilizam desses polos opostos quando contrastam o céu luminoso com a escuridão das trevas ou os raios de sol com o breu das profundezas das águas. Ainda, a contraposição de cores aparece na produção de ícones e imagens que têm por objetivo marcar a oposição de ideias em embates de grupos políticos e sociais.

4 Análise e discussão

Neste estudo, como objeto de análise, elegemos a obra **A Question of Power**, da escritora sul-africana Bessie Head. A obra nos conta a história de Elizabeth, uma mulher, como a autora, também sul-africana, que é exilada em Botswana. A descrição da própria personagem sobre a situação é de que ela passou por uma “jornada ao inferno”. Com um discurso em que os limites entre a sanidade e a loucura são muito tênues, a obra evoca temas, à primeira vista, muito distantes uns dos outros, mas que, nas amarras da narrativa de Head, acabam por se apresentar muito próximos e interdependentes. Loucura, pertencimento e (re)construção da identidade são temas que decorrem da situação de exilada da personagem e que, ao longo da narrativa, compartilham elementos entre si.

A obra é escrita por uma mulher negra, Bessie Head, na África. A autora nasceu em 1937, em Pietermaritzburg, na África do Sul, e faleceu em 1986. Ela abordou,

em seus escritos, questões relacionadas à sua própria condição de exilada, à capacidade do ser humano de lutar contra opressões e tormentas e à possibilidade de retorno à identificação como sujeito no mundo. Head deixou a África do Sul em 1964 com um visto de saída, sem possibilidade de retorno, o que fez dela uma exilada. Ela viveu em Botswana até falecer.

A Question of Power (HEAD, 2011) é considerada uma obra semiautobiográfica, pois, em muitos aspectos, a vida de Elizabeth, a personagem principal, aproxima-se da vida de Head, a autora. Elizabeth é uma mulher sul-africana que se vê forçada a migrar com o filho pequeno para o vilarejo de Motabeng, em Botswana. A personagem é definida na trama como uma mulher mestiça, que nasceu na África do Sul, em épocas de *Apartheid*, e que sofre abusos de várias ordens, além de alucinações e de tormentas psicológicas. Durante a trama, Elizabeth sente na pele o seu exílio, sendo vista como forasteira e como sujeito não pertencente ao ordenamento do local onde está refugiada. Em uma dimensão que vai além da existência física da personagem, a narrativa retrata seu quadro mental, que transita entre a realidade e um mundo de insanidade e de colapsos psicológicos.

A obra é dividida em dois longos capítulos, cada um destinado a um dos personagens/entidades que se manifestam nas alucinações de Elizabeth: Sello e Dan. O primeiro capítulo, destinado a narrar a vida de Elizabeth e as aflições pelas quais ela passa durante os primeiros tempos em Motabeng, é intitulado “Sello”. A história se inicia na África do Sul. Elizabeth descobre, ao ser enviada para um internato, que quem a criou não era de fato sua mãe biológica, mas sim uma mãe adotiva. Ela fica sabendo, então, que sua mãe biológica estava vivendo em um hospital psiquiátrico. Os relatos que chegam a Elizabeth são de que sua mãe biológica havia tido um envolvimento com um homem negro, o que, em uma época na qual relações entre raças e classes sociais distintas eram legalmente proibidas, resultava em internação da mulher.

Aqui vale ressaltar, sob a perspectiva foucaultiana, as dadas relações de poder e opressão que constroem verdades e condicionam a existência dos sujeitos. A mãe biológica de Elizabeth, por comportar-se de forma contrária à verdade impositiva da época, foi retirada do livre viver em sociedade como punição e, ao mesmo tempo, como forma de alertar os demais sujeitos da importância de respeitarem as regras/verdades. Cabe, ainda, estabelecer um paralelo entre esse fragmento e a Estrutura Simbólica do Poder, visto que o ato de exclusão é para resguardar o

contexto interno em detrimento do externo.

No seguir da narrativa, Elizabeth descobre as circunstâncias em que foi concebida e nasceu e como chegou a uma família adotiva, depois de ter passado por orfanatos e internatos. Em um dos trechos da obra, as professoras do internato onde Elizabeth estudava foram avisadas sobre a possibilidade de ela sofrer das mesmas alucinações de sua mãe, motivo pelo qual a perseguiram:

Nós estamos de olho em você. Você deve ter muito cuidado. Sua mãe era louca. Se você não tiver cuidado, você vai ficar louca como sua mãe. Sua mãe era uma mulher branca. Eles tiveram que a internar porque ela estava tendo uma criança do cavaliço, que era nativo. (HEAD, 2011, p. 9, tradução nossa).

Nesse fragmento, pode-se, mais uma vez, observar a Estrutura Simbólica do Poder em ação. Os destaques “mulher branca” *versus* o “cavaliço”, nativo, isto é, o negro, visualmente apontam para o eixo claro-escuro, mas, também, para o acima-abaixo. O *Apartheid* foi, justamente, um regime marcado pela segregação racial, que pregava a superioridade da raça branca com relação à raça negra. Quando se fala em superioridade, é estabelecido o eixo de cima e, automaticamente, coloca-se o “outro” no polo oposto. Nesse movimento de distanciamento entre o “eu” e o “outro”, isto é, de alteridade, define-se uma verdade que traz em si as ditas relações de poder e opressão (FOUCAULT, 2015).

O fato de a personagem principal ser fruto de um encontro entre o polo de cima e o de baixo e entre o polo claro e o escuro representa uma ameaça a essa organização de poder, visto que, simbolicamente, revela que os polos não são tão distantes que não possam se mesclar. Tal fato também repercute na psique da personagem, que tem dificuldade de se reconhecer e, por isso, sente-se exilada em si, não pertencente ao ordenamento da sua época. Ainda, cabe destacar que Elizabeth sofre preconceito de todos os polos, isto é, o “meio” também não a reconhece dentro da estrutura, percebendo-a como uma ameaça à binaridade do sistema.

Seguindo na narrativa, em resposta a uma oportunidade de emprego para dar aulas, Elizabeth decide se refugiar em Botswana. É após sua chegada no vilarejo de Motabeng que ela começa a mostrar sinais de instabilidade psíquica. O estado de consciência da protagonista começa a se misturar com um estado de alucinação, e ela se torna obcecada por questões que envolvem a alma e a natureza do bem e

do mal.

O capítulo traz a informação de que o marido de Elizabeth era infiel e agressor e que abusava dela, fato que, de certa forma, explica por que ela despreza os homens e a si mesma. Vivendo em Motabeng com seu filho, o qual ela chama de baixinho (*Shorty*), Elizabeth começa a ser visitada durante a noite por uma entidade masculina chamada Sello, que costuma sentar-se à beira de sua cama. Sello é descrito por Elizabeth como um monge que conversa sobre pobreza e sobre a África. A narrativa mostra Sello como um homem bom, mas que traz à tona a suscetibilidade de Elizabeth ao mal — e, conseqüentemente, a vulnerabilidade de toda a humanidade. Aqui, a alteridade se manifesta dentro de Elizabeth, de forma que Sello pode ser visto como o “outro” dentro dela.

Ainda, cabe destacar a problemática que Foucault estabelece ao criticar a definição de racionalidade proposta por Kant, significação essa, como já mencionado, que dá ensejo a pensar a mulher como ser incapaz de atingir um nível de consciência racional, condenada à loucura, à exclusão e à submissão. Nesse sentido, na obra, Elizabeth, a dita “mulher louca”, começa a receber visitas de uma entidade que se apresenta como homem e que ela valida como ser superior, como uma espécie de monge. A figura do monge está ligada ao sexo masculino e à religião budista, que, na história, resistiu a admitir que mulheres poderiam ocupar tal posto. Pode-se observar o fato de a entidade, descrita como superior e racional, considerada boa e que abre os olhos da personagem, ser do sexo masculino a partir das críticas de Foucault a Kant, pois nem mesmo no mundo das alucinações, dado à loucura, uma mulher é pensada como um sujeito passível de ocupar posição “superior”.

Elizabeth é apresentada, nessa primeira etapa do livro, muito sensível ao fato de ser estrangeira, de não ser negra como os habitantes de Motabeng e da África, e sente a dor do não pertencimento, o que, na narrativa, materializa-se em comentários de pessoas da comunidade sobre sua identidade racial. A protagonista traz, em sua fala, elementos que sugerem que ela despreza os negros de Botswana, o que se percebe como uma tentativa de identificar-se com o polo de cima, também o claro, em contraponto ao escuro, numa espécie de fuga da sua condição, isto é, de si mesma.

O segundo e último capítulo da narrativa mostra o contato de Elizabeth com uma outra forma de crueldade, ligada ao poder exercido pela via do racismo e da sexualidade. Ainda quando residia na África do Sul, a protagonista encontrou essa

forma de exercício de poder materializada no descontrole sexual do seu marido. Tal como um espelho da relação abusiva que a personagem havia enfrentado no casamento, o capítulo traz a narrativa das aparições de Dan, que se revela para Elizabeth como um homem promíscuo, cruel e que tem como objetivo instaurar miséria e caos à sua volta. Ao longo da narrativa, a protagonista é testada a todo momento e chega a se questionar sobre uma potencial promiscuidade que estaria presente nela mesma, que a aflige e a faz pensar sobre suas ligações com a violência contra os africanos.

A protagonista, a partir das intervenções de Dan, e em contraponto ao primeiro capítulo, ao invés de ver a manifestação do mal como um fator social, que atinge a humanidade, mas que, de certa forma, está distante dela, vê o problema da crueldade de outra perspectiva, muito mais perto de si, como manifestação de seu sujeito psicológico. Pensando no eixo dentro-fora, estabelecido por Pross (1980), esse movimento de Elizabeth, de perceber-se cruel e identificar-se com Dan, ainda que em meio a tormentos, é a dinâmica de quem quer identificar-se com o polo de dentro — a crueldade naturalizada por Dan — para não se ver no polo de fora, fugindo, assim, da posição de “outro”. Elizabeth prefere ceder a Dan, em um movimento de exílio de si, a identificar-se como inferior.

Também nesse capítulo, questões de gênero, no que tange à dominação masculina, aparecem em grande medida. Dan inicialmente seduz Elizabeth e mostra-lhe prazeres eróticos e a ilusão de um romance a dois. Ele dá elementos à protagonista que a levam a pensar que os dois estão em uma espécie de paraíso romântico, mas já anunciando as crueldades e as experiências que ela virá a vivenciar:

Ele veio do nada. Ele veio do espaço sideral. Ele veio em nuvens mágicas, com tamanho brilho romântico que toda a terra e os céus estavam em profundo silêncio antes do rugido de sua chegada. Em um momento, ela estava sentada, perdida em reflexão meditativa, silenciosamente juntando os pedaços de seu sistema nervoso, noutro um clamor terrível engoliu a vida dela. (HEAD, 2011, p. 107-108, tradução nossa).

De fato, no decorrer da narrativa, essa falsa sensação se dissolve, e o cenário se transforma em uma sucessão de atos cruéis, marcado por experiências sexuais poligâmicas. Dan faz uso de um suposto direito divino de deliberar sobre os atos das mulheres que ele controla, ordenando que façam o que ele deseja ver. Dan

exerce total dominação sobre Elizabeth, fazendo com que ela se sinta diminuída por ter origens miscigenadas e diminuindo-a sexualmente, aprisionando-a em suas alucinações. Nas visões que Dan impõe à protagonista, aparecem figuras femininas, das quais apenas uma parece ter traços humanos, enquanto as outras são descritas como formas grotescas que representam a sexualidade de Elizabeth. Dan insiste em ter relações sexuais com essas figuras na presença da protagonista de forma a agredi-la mentalmente tanto quanto possível:

[...] Então ele [Dan] simplesmente jogou a garota na cama ao lado de Elizabeth e transou com ela a noite toda. As luzes da tela de cinema da sua cabeça estavam desligadas, mas não sua atividade. Eles continuaram acordando-a com o barulho até o amanhecer, quando transaram pela última vez.

Ele apertava vários botões ao mesmo tempo:

— Você deve se sentir enciumada.

— Você é inferior porque é de cor.

— Você não tem o que essa garota tem.

(HEAD, 2011, p. 134, tradução nossa).

No contexto, as alucinações de Elizabeth e as configurações femininas, apresentadas por Dan, aparecem não somente como uma forma de dominação, mas também como uma projeção de todo o ódio da protagonista aos homens. As tormentas continuam até que Elizabeth sofre um forte colapso, o segundo narrado na história. Esse acontecimento pode ser compreendido como a internalização do comportamento hostil e violento da sociedade com relação às mulheres.

Nesse momento da narrativa, observa-se a marca da supremacia do homem, evidenciada no eixo acima-abaxo da Estrutura Simbólica do Poder, quando Dan se diz possuidor de uma condição divina, que lhe oferta a submissão do “outro”. Tal configuração valida a subjugação desse “outro”, no caso, a mulher.

Em uma mudança brusca da narrativa, a protagonista consegue reunir forças em meio ao caos e desenvolve uma série de crenças que são um somatório das suas experiências. Apesar de ser de descendência mista, de mãe branca e pai negro, Elizabeth, por exemplo, passa a se sentir mais solidária aos negros do que aos brancos.

A solidariedade da protagonista ainda pode ser observada a partir da Estrutura Simbólica do Poder, pois a complacência nada mais é do que a tomada de consciência das implicações de poder da estrutura, na qual os negros são inferiorizados, postos no polo de baixo, de dentro e no escuro. Nesse sentido, quando o psiquiatra do hospital em que ela está internada faz comentários racistas sobre seus funcionários,

Elizabeth percebe que não se identifica mais com essa atitude.

Como resultado dessa mudança de atitude, a protagonista toma algumas medidas. Por exemplo, ao invés de cometer suicídio, conforme Dan havia ordenado, ela compra uma bola de futebol e brinca com seu filho. Elizabeth também decide convidar Sello, o monge que desencadeou a série de alucinações que vieram a atormentá-la durante a narrativa, para comparecer no quarto ao mesmo tempo que Dan. Sello aparece e então faz um julgamento de Dan, que é decisivo para que Elizabeth possa apagá-lo permanentemente de seus pensamentos. Sello diz nunca ter visto tamanha crueldade e a alerta de que o amor se configura quando duas pessoas nutrem uma a outra, e não quando se alimentam de forma vampiresca da alma uma da outra. Com isso, Dan sai do quarto, batendo a porta e fazendo, então, com que Elizabeth sinta que finalmente se libertou da dominação, a qual ela chamou de purgatório.

A última conversa com Sello é esclarecedora e explica por que Elizabeth sofreu cruelmente com suas alucinações. Na frase da qual o título do livro provém, Sello explica:

Se a matéria das almas é realmente uma questão de poder, então qualquer pessoa em posse dos poderes do espírito poderia ser Lúcifer. [Quando Dan percebeu seu poder] ele queria ser Deus com toda a força de seu poder independentemente do fato de seu coração ser imundo [...] Eu lhe dei liberdade porque eu queria estudar, completamente, sua imagem. E eu pensei que você precisava ter esse *insight* sobre o mal absoluto. Sinto muito que tenha sido tão penoso. (HEAD, 2011, p. 215, tradução nossa).

Ao final, Elizabeth aparece em momentos felizes junto a duas pessoas que representam a nova etapa de sua vida: Kenosi, uma mulher do povoado, que trabalha no plantio com ela e a respeita pelo que ela é; e seu filho, que parece ser a materialização do espírito de Elizabeth e de toda a sua crença nos poderes da humanidade.

5 Considerações finais

O primeiro ponto a ser destacado, nestas considerações finais, é o fato de que as questões relacionadas à dita loucura da personagem Elizabeth não dão à obra **A Question of Power** o atributo de uma narrativa sobrenatural. Pelo

contrário, tal aspecto, relacionado a outros também presentes na narrativa, como o pertencimento, o exílio e a (re)construção da identidade, oportuniza ao leitor um movimento de alteridade, no qual ele entra em contato com questões sócio-históricas que, de alguma forma, compõem a narrativa do “outro” e, ao mesmo tempo, o ambiente do “eu”.

Ainda, cabe ressaltar que a obra de Bessie Head é considerada uma narrativa semiautobiográfica, escrita por uma mulher negra, em um período de colapso na África. A autora nasceu em 1937, em Pietermaritzburg, na África do Sul, e deixou o país em 1964, com um visto de saída, sem possibilidade de retorno, tornando-se uma exilada, assim como sua personagem, Elizabeth. Head viveu em Botswana até falecer, em 1986. Em seus escritos, pautou questões relacionadas à sua própria condição de exilada e à capacidade do ser humano de lutar contra opressões, além de ter levantado a possibilidade de retorno à identificação como sujeito no mundo.

O texto de Head, do qual aqui foram apresentados apenas alguns fragmentos, tem muito mais a oferecer e a revelar, fornecendo aos pesquisadores múltiplas possibilidades de análise. É um texto rico em historicidade e, ao mesmo tempo, atual. As questões de gênero e raciais ainda hoje vitimam e inferiorizam sujeitos no mundo inteiro, os quais, muitas vezes, saem de seus países num movimento de fuga e de resignificação da própria existência.

Neste estudo, o exílio, a partir da perspectiva foucaultiana, foi visto em dois sentidos. O primeiro deles percebido como uma fuga física, isto é, uma possibilidade de desprender-se da sua condição de sujeito oprimido e inserido em um ambiente sócio-histórico marcado por relações de poder. Já o segundo, como uma fuga psíquica, em que o sujeito busca, exilando-se de si, reconstruir sua identidade. Na obra, a personagem Elizabeth passa por ambos os processos de exílio e propicia ao leitor, via alteridade, refletir sobre os percalços e as implicações desse caminho.

Por fim, destaca-se o fato de que a narrativa, no seu desfecho, apresenta um viés positivo, diferente do desenvolvimento da obra, quando sugere que a personagem (re)construiu sua identidade e resignificou seu exílio. Tal movimento não significa que a Estrutura Simbólica do Poder (PROSS, 1980) tenha se desfeito. Essa estrutura, que baliza a significação do mundo pelos sujeitos, só irá se romper no momento em que for resignificada a alteridade, de modo que o sujeito passe a ser capaz de vislumbrar sua existência fora da imposição da totalidade, da racionalidade e da supremacia do ser.

Exile and (Re)Construction of Identity in Bessie Head's **A Question of Power**

Abstract

The South African author Bessie Head, in her book **A Question of Power**, presents the issue of a female individual produced by the South African society during the Apartheid. In the narrative, the main character, Elizabeth, offers a retrospective view of her “journey to hell”, from South Africa to her exile in the village of Motabeng - the sandy land of Botswana. In this journey, the character is faced with a process of disintegration and (re)construction of her identity, which leads her to the discovery of her own totality. The text allows the reader to experience Elizabeth's inner journey, defined by discrimination, isolation and cultural conflicts. Based on the analysis of excerpts from Head's narrative, this article aims to reflect the character's status as a migrant, colored woman, the relations of power and otherness that condition her existence as exiled, and how this condition permeates her (re)identification process. The analysis is based on the Foucaultian theory regarding otherness and power relations. The methodology used is the Symbolic Structure of Power, proposed by the semiotician Harry Pross, which theorizes on how individuals attribute meaning to their experiences and how they experience otherness. The proposed study is justified by the need to reflect on gender and race issues, offered by the work chosen here as object, understanding that these issues are still responsible for victimizing and demeaning subjects worldwide. As a result of this research, we are able to have a critical look on how the Structure is orchestrated at the service of power, generating and, most of the time, reaffirming meanings.

Keywords: Exile. Identity. Otherness. Literature.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 8. ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade do saber**. 17. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2. ed. Organizado por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Terra & Paz, 2015.

HEAD, Bessie. **A Question of Power**. London: Penguin Books, 2011.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola, 2004.

PROSS, Harry. **Estructura simbólica del poder**. Tradução de Pedro Madrigal Devesa. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.